

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i21.37406>

Artigo recebido em: 09/04/2021

Artigo aprovado em: 15/11/2021

Artigo publicado em: 12/01/2022

## AUFHEBUNG E DEVIR

um estudo a partir da Doutrina do ser da *Ciência da lógica*

## AUFHEBUNG AND DEVIR

a study based on the Doctrine of Being in the *Science of logic*

Rosmane Gabriele Albuquerque<sup>1</sup>

([gabrielealbuquerque24@gmail.com](mailto:gabrielealbuquerque24@gmail.com))

**Resumo:** Na *Ciência da lógica*, especificamente na Doutrina do Ser, Hegel (1770-1831) expõe a dialética ser-nada-devir. Também, na Doutrina do Ser, Hegel separa uma parte intitulada “Observação” para tratar brevemente do termo *Aufhebung* e seu conceito. É nesse contexto que Hegel mais reflete sobre a expressão. Na *Ciência da lógica*, ser, nada e devir são apresentados como categorias sistemáticas da lógica especulativa. É a partir dessa tríade que a lógica se desdobra progressivamente em momentos mais concretos. Já o conceito de *Aufhebung* aparece como condição necessária para tal desdobramento. É o que faz cada categoria avançar para outra. Desse movimento, emerge o devir como unidade conciliadora do ser e do nada. Diante disso, no devir, *Aufhebung* encontra-se como movimento que suspende ou eleva todas as demais categorias lógicas, proporcionando a passagem de um estado a outro. Isto posto, o presente artigo tem como objetivo demonstrar a inerente conexão entre os conceitos de *Aufhebung* e devir.

**Palavras-chave:** *Aufhebung*. Devir. *Ciência da lógica*. Doutrina do ser. Ser-nada-devir

**Abstract:** In the *Science of logic*, specifically in the Doctrine of Being, Hegel exposes the dialectic being-nothing-becoming. Also, in the Doctrine of Being, Hegel separates a part entitled “Observation” to deal briefly with the term *Aufhebung* and its concept. It is in this context that Hegel reflects most on expression. In the *Science of logic*, being, nothing and becoming are presented as systematic categories of speculative logic. It is from this triad that logic unfolds progressively in more concrete moments. The concept of *Aufhebung*, on the other hand, appears as a necessary condition for such an unfolding. It is what makes each category move to another. From this movement, becoming emerges as a reconciling unit of being and nothingness. In view of this, in becoming, *Aufhebung* finds itself as a movement that suspends or elevates all other logical categories, allowing the transition from one state to another. That said, this article aims to demonstrate the inherent connection between the concepts of *Aufhebung* and becoming.

**Keywords:** *Aufhebung*. Devir. Doctrine of being. *Science of logic*. Being-nothing-becoming.

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0867475667235763>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2280-649X>.



## INTRODUÇÃO

*Aufhebung* [suprassunção]<sup>2</sup> e devir são conceitos essenciais na Lógica hegeliana. *Aufhebung* por exemplo, aparece de modo especialmente relevante na parte final do momento da “qualidade” da Doutrina do Ser, nos livros que Hegel dedicou à Lógica. Hegel escreveu dois livros sobre Lógica: a *Ciência da lógica* de 1816, e o primeiro volume da *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* de 1817. Na *Ciência da lógica* (2016), especificamente na Doutrina do Ser, Hegel separa uma parte intitulada “Observação [A expressão “suprassumir”]” para tratar brevemente do termo *Aufhebung* e seu conceito. É nesse contexto que Hegel mais reflete sobre a expressão. Na “Observação”, Hegel procura esclarecer o significado de *Aufhebung* e sua função no desenvolvimento das categorias lógicas. *Aufhebung* é responsável pela emersão progressiva de cada categoria exposta na Lógica. Assim, é certo que o termo assume lugar central para compreensão do desenvolvimento das determinações do pensamento expostas na *Ciência da lógica*.

Já o conceito de devir aparece como resultado suprassumido do ser e do nada. No devir, ser e nada são um passar para o outro como unidade imediata. O pensamento puro ou o puro ser realiza em seu interior um processo de autodeterminação intrínseco, o qual culmina na emersão da primeira determinação do pensamento: a categoria de devir. O devir é posto como primeiro suprassumido, aquele que nasce das contradições imanentes de ser e nada. No devir “o puro ser e o puro nada são, portanto, o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas passou para o nada e o nada não passa, mas passou para o ser” (HEGEL, 2016, p. 86, grifo do autor).

É na passagem do ser ao nada e do nada ao ser que se chega à categoria do devir e, nesta passagem, o movimento de suprassumir [*aufheben*] entra em cena. É no devir que a indeterminação do ser e do nada nos aparece como suprassumidas. Porém, a suprassunção [*Aufhebung*] não diz respeito à suprassunção de um pelo outro, mas à suprassunção de cada um de si mesmo e em si mesmo que resultará na unidade concreta de ser e nada.

Isto posto, *Aufhebung* pode ser considerada a alavanca motora para o desenvolvimento das categorias da Lógica hegeliana. Enquanto o devir aparece como movimento de suprassumir-se de cada categoria. Com isso, pode-se perceber que *Aufhebung* e devir são conceitos

---

<sup>2</sup> O verbo *aufheben* e o substantivo *Aufhebung*, indicados por Hegel para explicar o movimento de transição de uma categoria à outra, foi traduzido pelo Pe. Paulo Meneses por suprassumir e suprassunção (NICOLAU, 2013, p. 9).



estritamente conectados. Por tanto, é objetivo do presente artigo, a partir da Doutrina do ser da *Ciência da lógica*, esclarecer tal conexão.

## 1 CIÊNCIA DA LÓGICA: DOCTRINA DO SER

O capítulo intitulado Doutrina do ser pode ser encontrado tanto na *Ciência da lógica* quanto na *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Neste, Hegel expõe o desdobramento da tríade dialética ser-nada-devir, demonstrando que o desenvolvimento do puro pensamento tem início a partir destas categorias. Acerca disso, Schlitt comenta:

Estas são as categorias primordiais e elementares, cujas transições logo serão vistas como apresentando, na forma da imediatidade absoluta, a estrutura fundamental do método dialético hegeliano, a autodeterminação do Conceito como Sujeito. (SCHLITT, 2019, p. 6.; 16-19)

112

O ser é a primeira categoria da tríade, é o que Hegel denomina pensamento puro, é o ser em sua total pureza e vazio de qualquer conteúdo, por isto, ele é ser indeterminado. O ser puro, por sua vez, na condição de indeterminação na qual se encontra, revela-se como um nada, um nada igualmente indeterminado. Por conseguinte, nem o ser nem o nada o são em verdade, mas um é o passar para o outro. É nesse movimento de passagem que se origina o desencadeamento lógico do ser enquanto totalidade absoluta não desenvolvida.

Em suma, o conteúdo apresentado por Hegel na Doutrina do ser consiste na exposição do momento inicial do pensamento puro, a partir da dialética do ser e do nada. Ele demonstra como o pensamento indeterminado realiza a supressão [*Aufhebung*] de suas próprias diferenças e eleva-se a uma nova categoria, a qual contém a unificação das duas categorias anteriores: a categoria do devir como primeiro conceito mais concreto do pensamento.

No presente artigo, nos limitaremos ao estudo dos conceitos de *Aufhebung* e devir a partir da Doutrina do ser da *Ciência da lógica*. Mas antes, devemos trazer uma breve exposição do que Hegel considera uma ciência da lógica. A Lógica hegeliana está relacionada diretamente ao que Hegel (1995) considera seu método de filosofia. Na *Ciência da lógica* e na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, ele informa sua pretensão de expor e consolidar uma metodologia que vá além da mera descrição de procedimentos. Para ele, os sistemas filosóficos tradicionais são edificadas por meio de conhecimentos pré-estabelecidos, e os métodos servem apenas para descrever as asseverações postuladas anteriormente como verdade. Por



consequente, neste caso, o método serve como instrumento para descrever aquilo que já foi posto. Todavia, se muitos pressupostos e muitos métodos foram desenvolvidos pela filosofia em sua trajetória, qual destes pressupostos ou qual destes métodos seria o verdadeiro? Dessa forma, o cerne da ciência da lógica parte da crítica que ele tece aos métodos tradicionais. Segundo Hegel, tais métodos buscam a verdade fora do pensamento. Fosse analítico ou sintético, similarmente estavam fundamentados no dualismo. Método e conteúdo são postos como distintos, e a filosofia precisa processar dados exteriores para alcançar um resultado. Ou seja, a filosofia apreende seu “conteúdo verdadeiro” a partir de premissas que são independentes do pensamento. Partindo dessa objeção, Hegel pretende desenvolver uma ciência da lógica como metodologia que expõe as determinações do puro pensamento.

Em sua *Lógica*, Hegel intenta formular um método que não dependa de nenhuma pressuposição<sup>3</sup> e que resolva as dificuldades impostas pelo que ele considera inadequado nos variados métodos filosóficos. Primeiro, enquanto metodologia científica que esteja de acordo com seu conteúdo; segundo, enquanto uma ciência filosófica que tenha consciência desta conformidade. Destarte, o que Hegel entende por lógica é uma forma que implementa seu próprio conteúdo. A *Lógica* expressa por Hegel é uma ciência do próprio pensamento. O pensamento expõe suas determinações sem que esteja subordinado a algo fora dele. Segundo Burbidge, “a lógica, para ele, não é simplesmente a forma abstrata dos silogismos válidos, mas antes o processo de raciocínio que gera as formas e que se move para além delas. É o raciocínio sobre o raciocínio” (2014, p. 106; 11-13).

Segue-se então, que a *Lógica* de Hegel, não é uma disciplina específica de como operar as regras do pensamento, mas sim, uma reflexão do puro pensamento (WERLE, 2011, p. 10). Portanto, a ciência da lógica consiste num método que expõe o pensamento puro e seu autodesdobrar-se. Cada etapa do método expressa uma determinação mais sofisticada do pensamento puro. Todavia, esse desdobrar é realizado unicamente pelo próprio pensamento, o qual não é pressuposto ou mediado por nenhum objeto fora dele. Sobre sua *Lógica*, Hegel afirma que “é a ciência da *ideia pura*, ou seja, da *idéia* no elemento abstrato de *pensar*” (1995, p. 65, grifo do autor).

---

<sup>3</sup> “Hegel has abandoned the traditional conventions of argument where we start from accepted premises and move on to justified conclusions.” (BURBIDGE, 2006, p. 12; 22-24). “Hegel abandonou as convenções tradicionais de argumentação, nas quais partimos de premissas aceitas e passamos a conclusões justificadas” (2006, p.12; 22-24, tradução nossa).



## 2 AUFHEBUNG A PARTIR DA “OBSERVAÇÃO [A EXPRESSÃO: “SUPRASSUMIR”]” DA CIÊNCIA DA LÓGICA

Na *Ciência da lógica*, especificamente na Doutrina do Ser, Hegel separa quatro observações para tratar de supostas objeções à sua Lógica. Ao fim, após a quarta observação, há uma última, intitulada “*Observação [A expressão: “suprassumir”]*” em que trata de maneira atenciosa o verbo *aufheben*<sup>4</sup> e seu conceito na língua alemã. Com isso, ele evidencia que o termo merece uma explicação mais detalhada. Já que *aufheben* está presente de modo significativo no discurso lógico-especulativo sua compreensão é mister para uma adequada interpretação de cada momento expresso na Lógica hegeliana.

A importância da Observação da *Ciência da Lógica* sobre o conceito *Aufheben*, por um lado, reside na tematização direta que faz Hegel aqui sobre um dos conceitos mais importantes de sua filosofia, cuja tradução ainda hoje ocupa os especialistas, movidos pelo intuito de melhor se referir tecnicamente a essa noção que expressa exemplarmente o conhecido “movimento dialético” hegeliano: “suspender”, “suprassumir” ou “superar”?. (PERTILLE, 2011, p. 59; 8-13)

114

Na “Observação”, Hegel trata primeiramente do significado que o termo apresenta na língua alemã, pois, segundo ele, “*suprassumir* tem na língua [alemã] o sentido duplo pelo qual significa tanto guardar, *conservar*, quanto, ao mesmo tempo, cessar, *pôr fim*” (HEGEL, 2011, p. 111, *grifo do autor*). A necessidade explicativa referente ao significado do termo visa esclarecer a ação propriamente dita de *Aufhebung* dentro da Lógica, já que de acordo com Inwood (1997) *aufheben* apresenta três principais sentidos: levantar, anular e conservar. De acordo com Pertille (2011, p. 63; 14-15): “Hegel reconhece a potencialidade especulativa deste termo, e o estabelece como um conceito fundamental”.

No entanto, diante dos vários significados que o termo abarca, em qual sentido podemos entendê-lo quando aplicado à Lógica hegeliana? Hegel mantém a duplicidade do termo e utiliza todos os três principais significados de *aufheben* simultaneamente (INWOOD, 1997). Essa duplicidade de sentidos é o que permite ao termo possuir suficiência conceitual necessária para explicar a Lógica dialética, e como ela se movimenta. A variação de significados que o termo expressa nos conduz a uma melhor interpretação dos momentos de desdobramento do puro pensamento. Porquanto, o que foi suprassumido não foi de todo aniquilado, mas unificado e

---

<sup>4</sup> O verbo *aufheben* e o substantivo *Aufhebung* utilizados indistintamente, não apresentam diferença gramatical não tendo qualquer implicação no significado filosófico. Podendo ser aplicado tanto a um quanto a outro.



reconciliado, de modo que seus momentos iniciais se encontram conservados e suspensos num outro momento mais elevado. Dessa forma, o significado de *aufheben* que melhor supre as necessidades de uma explicação conceitual e de aplicabilidade do termo ao desdobramento do sistema hegeliano é aquele que mantém a duplicidade linguística expressa na língua alemã. De acordo com Nicolau (2013, p. 9) *Aufhebung* representa a explicação do processo de superar e conservar de cada categoria.

No que diz respeito as traduções “suprassumir” e “suprassunção” são termos que melhor expressam o significado de *aufheben*<sup>5</sup>. Embora sejam usadas nas traduções canônicas do Pe. Meneses, as expressões “suprassumir” e “suprassunção” não são palavras existentes em nosso idioma. No entanto, servem adequadamente como termos técnicos cunhados especificamente com o propósito de unir as palavras anteriormente citadas, possibilitando a duplicidade de sentidos do termo original. O termo “suprassumir” aparenta uma melhor adequação ao termo *aufheben*, pois consegue manter a polissemia expressa no alemão. Sobre isso, em uma nota encontrada na *Ciência da lógica*, os tradutores Iber, Miranda e Orsini comentam:

115

A fim de dispor de um verbo que pudesse expressar as três nuances de *aufheben* (isto é: negar, conservar, elevar), resolvemos seguir a solução já oferecida por Paulo Meneses: o neologismo *suprassumir*. Este verbo foi cunhado justamente para significar o caráter progressivo de uma ação que, ao mesmo tempo, realiza um suprimir [sumir], um conservar [assumir] e um elevar [supra+assumir]. A nosso ver, as outras opções disponíveis estão afetadas por unilateralidades ou evidentes diferenças semânticas, que podem ser fonte de uma compreensão desviante do texto hegeliano, como por exemplo, “superar”, “remover” ou “suspender” (2016, p. 20; 22-31, *grifo do autor*).

Além do significado do termo, que Hegel (2016, p. 111) considera “um dos conceitos mais importantes da filosofia, uma determinação fundamental”, ele também expressa certa preocupação no que diz respeito ao modo como *Aufhebung* é compreendido no processo de autodesenvolvimento das categorias lógicas. Cada etapa da Lógica dialética é movida, essencialmente, por um desdobrar incessante de suprassumir-se de cada categoria engendrada. Logo, *aufheben* é um conceito presente em todos os momentos da Lógica hegeliana. Ademais, não foi arbitrariamente que Hegel destinou uma seção específica para tratar do termo. No que concerne à localização da “Observação” – especificamente no fim da Doutrina do Ser da *Ciência da lógica* –, Hegel não só demonstra a relevância do termo, mas também sua relação

---

<sup>5</sup> O verbo *aufheben* e o substantivo *Aufhebung* são correlatos, e no que diz respeito ao problema filosóficos, tem as mesmas implicações. Tudo que se refere ao verbo *suprassumir* aplica-se, filosoficamente, ao conceito de *suprassunção*.



com a dialética ser-nada-devir. Pois, é por meio dessa tríade inicial que a Lógica hegeliana se desenvolve.

Na *Ciência da lógica*, Hegel explicita que *Aufhebung* não deve ser entendido como “suprassunção” no sentido de aniquilar ou simplesmente conservar. Sua interpretação deve expressar a passagem do ser ao nada e do nada ao ser, de maneira que ser e nada sejam elevados à categoria do devir. Não obstante, tal suprassunção das categorias de ser e nada deve ser compreendida como uma avançar de ambas as categorias, sem que assim sejam aniquiladas. Posto que, no devir, a suprassunção encontra-se como condição que suspende e mantém todas as categorias emergidas na Lógica, proporcionando a passagem de um estado a outro, é pertinente concordar com Pertille quando este afirma que “*Aufhebung* é uma meta-categoria, ou determinação fundamental, na lógica hegeliana, pois ela está presente no processo de constituição de todas as categorias da *Ciência da lógica*” (PERTILLE, 2016, p. 365; 1-4, grifo do autor). Portanto, *Aufhebung* é responsável por realizar a transição de um momento categórico a outro. Não obstante, esse momento é a unificação dos momentos anteriores:

116

O tema é acerca do estatuto da “suspensão” [suprassumir, R. A.], se ela pode ser reconhecida não como uma categoria lógica assim como o ser, o nada e o devir, e as demais categorias lógicas que as sucedem até a ideia absoluta, mas mais propriamente como uma *meta-categoria* da lógica hegeliana, isto é, como uma determinação que opera sobre as determinações, e que assim se situa ao nível dos fundamentos do sistema, em outras palavras, *Aufhebung* não como uma simples *Bestimmung*, mas como uma *Grundbestimmung* (PERTILLE, 2011, pp. 61-62; 27-32, 1, grifo do autor).

A presença da *Aufhebung* é incontestavelmente efetiva em todos os momentos da Lógica. Na verdade, a suprassunção é responsável pela elevação e sustentação de todas as categorias que se desdobram na Lógica. O método lógico de Hegel expõe as contradições existentes em cada determinação do pensamento e como o pensamento se desdobra a fim de solucionar suas contradições. O pensamento, por meio da *Aufhebung*, unifica as diferenças de cada categoria, de modo que sejam suprassumidas as oposições existentes. Todavia, a cada contradição apaziguada pelo pensamento, uma nova contradição aparece, e mais uma vez o pensamento tem a necessidade de solucioná-la. Nesse processo, o pensamento percebe que essa negação de si na verdade é o seu positivo. Pois, é por meio da negação que as determinações do pensamento vão emergindo e avançando progressivamente.

O próprio conceito de devir emerge a partir da *Aufhebung*, e tudo o que se segue como desdobramento do devir é posto pela *Aufhebung*. Logo, *Aufhebung* se mostra presente em todos os momentos estruturais do método dialético hegeliano.



Assim, a partir da tríade ser, nada e devir, temos o devir como primeiro resultado *suprassumido*. Isso ocorre devido ao caráter dialético da Lógica, o que nos leva à consideração de que *Aufhebung* e devir estão intrinsecamente relacionados.

### 3 SER-NADA-DEVIR

Na Doutrina do ser, Hegel inicia sua exposição lógica a partir da seguinte afirmação: “*Ser, puro ser, – sem nenhuma determinação ulterior. Em sua imediatidade indeterminada, ele é igual apenas a si mesmo e também não é desigual frente a nenhum outro; não tem diversidade alguma dentro de si e nem para fora*” (HEGEL, 2016, p. 85, *grifo do autor*). No ser, segundo Hegel, não há nada que o medeia. Todo o desenvolvimento do ser principia de um movimento interno realizado a partir de si mesmo. Mas, como é possível conceber, de tal ideia, um ser que é mediação consigo mesmo? Aparentemente, quando afirmamos que o pensamento ou o ser é simples mediação consigo, nos parece que tal afirmação nos leva a uma aporia. Porquanto, à primeira vista, dizer que algo não tem nada que o preceda ou que o medeia, seria o mesmo que dizer que esse algo não pode se movimentar ou avançar. Sendo assim, como o ser puro, que não tem conteúdo nenhum em seu interior, a não ser ele mesmo, pode ser diferença em si mesmo? Para isso, analisemos mais atentamente os adjetivos que Hegel atribui ao ser: vazio, indeterminado, puro, sem mediação alguma, sem nenhum objeto que o preceda. O puro ser tem muitas atribuições; todavia, todas são negativas (SCHLITT, 2019). Logo, o ser é um nada e, como tal, a mediação consigo mesmo aparece na passagem ou transição imanente do ser ao nada. O ser se movimentou e passou, passou ao nada. Agora não temos mais o ser, e sim o nada, o puro nada. Tão puro, tão vazio e indeterminado quanto o ser.

No tocante ao nada, Hegel (2016, p. 85, *grifo do autor*) escreve: “*Nada, o puro nada; ele é igualdade simples consigo mesma, perfeita vacuidade, ausência de determinação e conteúdo; indiferencialidade nele mesmo*”. Do nada, há o retorno ao ser, pois o pensar o nada só é possível por haver um ser que o pense. Assim, o nada passa ao ser:

Na medida em que intuir ou pensar podem ser aqui mencionados, então vale como uma diferença se algo ou *nada* é intuído ou pensado. Intuir ou pensar nada tem, então, um significado; ambos são diferenciados, então nada *é* (existe) em nosso intuir ou pensar; ou, antes, ele é o próprio intuir ou pensar vazios e é o mesmo intuir e pensar vazios que o ser puro. – Nada é, com isso, a mesma determinação ou, antes, ausência de



determinação e, com isso, em geral, o mesmo que o *ser* puro é. (HEGEL, 2016, p. 85, *grifo do autor*)

A transição do ser ao nada e do nada ao ser se mostra como movimento intrínseco e necessário da própria condição do pensamento. Tal movimento expõe que tanto o ser como o nada se autodeterminam a partir de suas próprias indeterminações. Ou seja, a indeterminação do ser determina o nada e, da mesma forma, a indeterminação do nada determina o ser. Por conseguinte, a unificação das duas categorias por meio da *Aufhebung* autodetermina a categoria de devir. O ser passa ao nada, o nada passa ao ser e, ser e nada implementam o devir. Schlitt nos ajuda a melhor compreender a imanência de tal transição, quando escreve:

Na visão de Hegel, perguntar o que desencadeia essa transição seria entender mal tanto a natureza dialética do pensamento em geral quanto, especificamente, a imediatidade dessa transição como já tendo ocorrido. Obviamente, não poderia haver nenhum recurso à consciência de um objeto, nem à espontaneidade de um eu que põe. Além disso, para Hegel, não há necessidade de referir-se a qualquer forma mais concreta de ser, nem comparar o ser com “o que existe” (*das Seiende*) ou com o todo, nem há novamente necessidade de apelar a uma intuição anterior ou a alguma orientação teleológica das categorias. Para Hegel, essa transição, ou qualquer outra na *Lógica*, pode ter ocorrido, estritamente falando, apenas pelo fato de a categoria ter sido pensada até o final, tendo sido pensado o que é e o que expressa. No caso do ser, a transição para o nada ocorreu no próprio pensamento do ser como imediatidade indeterminada. (SCHLITT, 2019, pp. 9-10; 24-31,1-4, *grifo do autor*)

118

Ademais, o movimento da Lógica não é constituído somente pela transição de *passar para* de cada categoria. Antes, igualmente pela condição que cada categoria tem de essencialmente intuir a outra. Examinemos atentamente as seguintes afirmações de Hegel acerca das categorias de ser e nada. Sobre o ser, Hegel escreve: “Ele é indeterminidade e o vazio puros”; “não há *nada* a intuir nele, caso aqui se possa falar de intuir; ou ele é apenas este mesmo intuir puro, vazio” (2016, p. 85, *grifo do autor*). Com isso, devemos nos perguntar: qual o significado dessa afirmação? Para respondermos, devemos retomar e enfatizar os predicados do ser postos anteriormente: ser puro; igual a si mesmo; vazio de conteúdo; sem nenhuma reflexão ou mediação; sem alguma diversidade em si. Podemos observar que todos os atributos citados ou qualquer condição que foi exposta como característica do ser revelam a verdade de que o ser é um nada. No ser não há nada a ser pensado, não há nenhum pensamento. Logo, o



puro ser desvela-se como um puro nada<sup>6</sup>! Por conseguinte, o nada aparece como primeira determinação do ser:

Com o *ser*, o *puro ser*, articula-se o mínimo da determinação do conceito, o ‘primeiro’ ser, a imediatez, o em-si determinado como indeterminado, sem nenhuma determinação *ulterior*, unicamente como igualdade consigo. Acrescente-se brevemente: quando se diz em alemão “*sem nenhuma determinação ulterior*” [*ohne alle weitere Bestimmung*], isso implica que tem de estar dada pelo menos uma determinação, ou seja, que só estão excluídas outras determinações além da primeira. O autor insiste neste mínimo da determinação através do uso do superlativo: o ser é o ‘*mais pobre de todos, a mais abstrata das determinações*’; no que se refere ao conteúdo, tem de se dar ao pensamento “*nada menos*” do que o puro ser. (VIEWEG, 2020, p. 30; 14-22, grifo do autor)

119 Todos os atributos do ser foram revelados negativos, determinando, assim, a categoria do puro nada. O ser passa ao nada e pensa o nada, pois a categoria do puro ser se mostrou destituída de qualquer conteúdo, sendo vazia e assim intuindo o nada que ela é. Não há nada no ser que se possa pensar. Paradoxalmente, tal ausência do que pensar leva a intuir o puro nada. O ser não somente passou ao nada, como também o intuiu, determinando a categoria do puro nada. Logo, o nada já é uma categoria existente em oposição ao puro ser. Mas, e agora? O que fazemos com a categoria do puro nada? Faremos o mesmo que fizemos com o ser, atentaremos às suas condições. Segundo Hegel (2016, p. 85) o nada é “perfeita vacuidade” e “ausência de determinação e conteúdo”. O nada já é existente na medida em que o ser se mostra vazio, a condição de vacuidade do ser intuiu o nada. No entanto, de modo semelhante ao ser, a categoria do nada se mostra pura e indeterminada. Assim, o nada passa ao ser e do mesmo modo o intui. Pois, o próprio ato de intuir o nada, pressupõe que outro o intua, logo, este outro é o ser.

---

<sup>6</sup> Na presente nota, trarei de modo breve a Observação 1 [A oposição do ser e do nada na representação]. Nesta, Hegel ressalta algumas objeções, tais como: a concepção filosófica que “costuma contrapor o nada ao algo” e que, conseqüentemente, separa o ser e o nada. Em resposta à contraposição do nada a algo, Hegel escreve que, ao contrapor o nada a algo, se retirara do nada a sua indeterminidade pura fazendo dele um determinado. Essa objeção surge com o entendimento metafísico de que nada é nada, e do nada, nada advém. Por isso, o nada é comumente contraposto a algo, pois se do nada, nada advém, então o nada não poderia jamais sair do nada, assim, “o nada permanece nada” (HEGEL, 2016, p. 87). Para resolver essa questão, Hegel (2016, p. 88) afirma que “o devir contém que nada, não permaneça nada, mas passa para seu outro, para o ser”. Com isso, ele responde a presente objeção através do conceito de devir; este é capaz de manter a diferença imediata entre ser e nada e a igualdade indeterminada. De acordo com Hegel, o paradoxo de que o ser e o nada são o mesmo, em vez de suscitar objeções deveria na verdade causar a admiração “que se mostra tão nova na filosofia e que esquece que, nessa ciência, ocorrem determinações completamente diferentes do que aquelas que há na consciência comum” (HEGEL, 2016, pp. 88-89).



O intuir e o trânsito imanente<sup>7</sup> de uma categoria à outra demonstram que ser e nada são categorias distintas, porém iguais no que diz respeito à sua condição de categoria indeterminada. Ao pressupor o nada, o ser pressupõe outro que não ele, e vice-versa, por isto são distintos. Contudo, ao passar de uma à outra imanentemente, as categorias de ser e nada se mostram idênticas. O ato de passagem explicita a indeterminação de cada categoria, por isto podemos afirmar que ambas são iguais em sua indeterminação. Uma passa à outra, na medida em que uma pressupõe a outra. São idênticas, mas ao mesmo tempo “absolutamente diferentes”.

Na versão de Hegel: o ser e o nada são o mesmo, absolutamente idênticos, o mínimo da unidade (identidade) e, no entanto, persiste a ‘*diferença inteiramente abstrata*’ entre a primeira palavra, ou o primeiro caso, ‘ser’, e a segunda palavra, ou segundo caso, ‘nada’. Encontra-se assim articulada a *forma mínima da diferenciação* (forma originária da não-identidade, diferença) e da contradição (contraposição) – o logicamente primeiro e o logicamente segundo, e não mais do que isso. Cada um deles tem a negação nele mesmo e ‘desaparece’ então imediatamente no seu contrário: este é o primeiro movimento, mínimo, tomado abstratamente como movimento lógico inicial – denominado por Hegel o devir abstrato. (VIEWEG, 2020, p. 31; 23-31, grifo do autor)

120

À vista do que foi exposto, pode-se concluir que nem o ser nem o nada são categorias verdadeiras. Observemos que tanto o ser quanto o nada se perdem um no outro. O puro ser, isoladamente, não subsiste enquanto categoria autônoma, não sendo capaz de se autossustentar, porquanto ele passa necessariamente à categoria de nada e se perde no vazio de sua própria indeterminação ao intuir um outro. Semelhantemente ocorre com a categoria de nada; nela há a intuição de outra categoria que a pensou. Logo, o nada passa ao ser, se mostrando tão puro, destituído de conteúdo e insustentável quanto o ser. Por isso, nem o ser nem o nada são a verdade, mas o passar que intui uma categoria à outra. O movimento intrínseco de trânsito que cada categoria realiza imanentemente é a verdade do pensamento, o que Hegel denomina devir.

Porém, o terceiro, no qual ser e nada tem o seu subsistir, precisa também ocorrer aqui; e ele ocorreu também aqui; ele é o *devir*. Nele, ser e nada são como diferentes; devir é só na medida em que eles são diferentes. Esse terceiro é um outro com respeito a eles; – ser e nada subsistem apenas em um outro, o

---

<sup>7</sup> No último parágrafo da Observação 3 [O isolar dessas abstrações], Hegel afirma que a passagem do ser ao nada e do nada ao ser deve ser compreendida de modo imediato, sem que sejam postos no momento de passagem a determinidade do outro. Hegel (2016, p.107, grifo do autor) escreve: “o nada não está *posto* ainda no ser, embora seja *essencialmente* nada e vice-versa”. Ele afirma que, nesse momento, nesse passar, ainda não há relação nenhuma, pois se trata de dois indeterminados. Dessa forma, é errônea a afirmação de que o nada é fundamento do ser, ou que o ser é fundamento do nada. Assim, o intuir do ser ao nada não deve ser colocado como uma condição que postula o nada e vice-versa, mas como o sentido que expressa a diferença do ser e nada.



que igualmente significa que eles não subsistem por si. O devir é o subsistir do ser tanto quanto do não ser, ou seja, o subsistir deles é apenas seu ser em *um*; esse subsistir deles é precisamente o que, de igual modo, suprassume sua diferença. (HEGEL, 2016, p. 96, *grifo do autor*)

Com efeito, o pensamento puro se apresenta como um indeterminado, esta é sua primeira determinação, que ele é um puro vazio, logo, puro nada. Contudo, a determinação foi implementada por causa do movimento essencial de passar do ser ao nada e do nada ao ser.

Ressaltamos, no presente momento, que esse ponto consiste no âmago da ciência da lógica. O ser que é “igual apenas a si mesmo” e “não desigual frente a um outro” e o nada, que é “igualdade simples consigo mesma” corroboram para a compreensão do postulado por Hegel acerca do início da filosofia: que ela não deve partir de nenhum pressuposto determinado<sup>8</sup>. Para fundamentar sua afirmação, ele expõe que o pensamento não tem como ponto inicial para seu desenvolvimento nenhum outro que não ele mesmo. No devir, Hegel demonstra que o pensamento é capaz de se auto pressupor e se autodeterminar. Assim, ele estabelece o pensamento como fundamento de toda ciência filosófica que se proponha crítica. Diferente dos métodos precedentes que, segundo Hegel, eram arbitrários, a sua ciência da lógica seria a única capaz de realizar uma verdadeira ciência crítica. Ao evidenciar que a Lógica não partiu de nenhum pressuposto dado, ele atesta que o pensamento é pressuposto por si mesmo e para si mesmo, assentando o fundamento crítico no próprio pensamento. Podemos assegurar que na Lógica hegeliana o próprio pensamento realiza as reflexões críticas de cada categoria e, conseqüentemente, somente ele é capaz de sanar qualquer determinação inadequada dentro de si, de modo que possa caminhar em autodesenvolvimento.

A partir do que foi exposto podemos concluir que o pensamento é tanto puro ser quanto puro nada. E que ambas as categorias são falsas, ou seja, são inverdades. Esse fato aparece como a primeira crítica do pensamento a si mesmo: que suas categorias primordiais não são verdadeiras. Como resultado da crítica que o pensamento fez a si, este compreende que a verdade não está nas categorias de ser e nada isoladamente, mas na passagem de uma categoria à outra.

---

<sup>8</sup>“El devenir, como unidad del ser y de la nada, es el marco conceptual que constituye el comienzo de la *Ciencia de la Lógica*. Hegel vincula a este comienzo la comprensión de la dialéctica, por cuanto en la unidad contradictoria del ser y de la nada ellos muestran el devenir como su verdad. Para elaborar esta primera verdad lógica, Hegel tematiza los conceptos de ser, nada y devenir. Utiliza además, como conceptos operativos, los de unidad, igualdad, diferencia, transición [*Übergehen*], y superación”. (PAREDES-MARTÍN, 2020, p. 125; 1-6, *grifo do autor*)



Assim, o resultado todo, verdadeiro que surgiu aqui é o *dever*, o qual não é meramente a unidade unilateral ou abstrata do ser e do nada. Mas ele consiste nesse movimento: o ser puro é imediato e simples, por isso, igualmente o nada puro; no qual a diferença dos mesmos é, porém, igualmente se *suprassume* e *não é*, o resultado afirma então, igualmente a diferença entre ser e o nada, mas como uma diferença apenas visada [*gemeinten*]. (HEGEL, 2016, p. 95, grifo do autor)

Tal passagem leva ao entendimento de que o pensamento é essencialmente movimento e engendra a categoria de *dever*; esta aparece como condição intrínseca do pensamento. Contudo, o que significa dizer que o *dever* é condição do pensamento? É especificamente nessa parte da *Ciência da lógica – Doutrina do ser* – que Hegel irá refletir e explicar a relação entre *Aufhebung* e *dever*.

Vimos que as categorias de ser e de nada são categorias opostas, uma é o contrário da outra. Com isso, o primeiro saber do pensamento é o de que suas categorias iniciais são insustentáveis. Logo, a primeira verdade é de que ele não é verdade alguma. Por conseguinte, o pensamento precisa resolver tal impasse, para então seguir em paz seu caminho de autoconhecimento. Com efeito, surgem as perguntas: como o pensamento irá solucionar esse problema? Como ele irá resolver o impasse das suas categorias iniciais? Ora, já vimos que o pensamento é movimento, que o ser passa ao nada, e o nada passa ao ser, explicitando que na verdade não há diferença alguma entre as categorias, pois, conforme já constatado, ambas são indeterminadas. Não obstante, lembremos que o passar de cada categoria significa a determinação da outra, expondo suas diferenças. O ser *suprassume* a si mesmo ao determinar o nada, e o nada *suprassume* a si mesmo ao determinar o ser, e ambas são *suprassumidas* na categoria do *dever*.

O *dever* é a unidade relacional do ser que passou ao nada e do nada que passou ao ser. A diferença inicial das categorias foi *suprassumida* e o *dever* surge como resultado imanente deste trânsito. Por sua vez, *Aufhebung* aparece como movimento que sana as contradições das categorias iniciais do pensamento. O pensamento não apenas realizou a reflexão crítica de cada categoria, como também resolveu o primeiro impasse posto pela oposição do ser e do nada. O *dever* é o nascer e o perecer das categorias de ser e nada; por isto, é condição do próprio pensamento. No que diz respeito ao *dever*, Hegel disserta:

*O puro ser e o puro nada são, portanto, o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas passou para o nada e o nada não passa, mas passou para o ser. Igualmente, porém, a verdade não é sua indiferencialidade, mas que eles não são o mesmo, que são absolutamente diferentes, mas são*



igualmente inseparados e inseparáveis e *cada um desaparece em seu oposto imediatamente*. Sua verdade é, então, este *movimento* do desaparecer imediato de um no outro: o *devir*, um movimento no qual são diferentes, porém, através de uma diferença que igualmente se dissolve imediatamente. (2016, p. 86, *grifo do autor*)

O devir é assim a primeira determinação do ser e do nada. Isso não significa que o ser e o nada foram aniquilados. Embora o devir seja um terceiro, sua determinação consiste na unidade relacional do ser e do nada. Os quais continuam iguais em sua indeterminação, todavia diferentes um frente ao outro. O devir suprassume e concilia a contradição de que ser e nada são igualmente indeterminados, mas imediatamente distintos, sem com isto os aniquilar. Sobre isso, Hegel escreve: “o devir, nascer e perecer, é a inseparabilidade do ser e do nada, não a unidade que abstrai do ser e do nada, mas, como unidade do *ser e do nada*, ele é esta unidade *determinada* ou a unidade na qual tanto o ser quanto o nada *é*” (2016, p. 109, *grifo do autor*).

O conceito de suprassunção cumpre uma função extremamente importante nesse momento da Lógica. A permanência das categorias de ser e de nada somente é possível porque *Aufhebung* é responsável não apenas por elevá-las, mas também por conservá-las, sem que ocorra o sacrifício de uma das categorias. De acordo com Hegel, “assim, o suprassumido é, ao mesmo tempo, um guardado, que apenas perdeu sua imediatidade, mas por isso, não é aniquilado” (2016, p. 111). Ser e nada são suprassumidos, e a unidade relacional que se engendra deste momento em diante é o devir. Este sintetiza as diferenças do ser e do nada e as sustenta em sua unidade relacional expondo que o nascer de um é o perecer do outro. O devir é responsável por sustentar o equilíbrio das categorias evitando que a determinação recaia sobre as categorias isoladamente.

Esse resultado é o ser desaparecido, mas não como *nada*; assim, seria apenas uma recaída em uma das determinações já suprassumidas, não seria resultado do nada *e do ser*. Ele é a unidade tornada simplicidade quieta do ser e do nada. A simplicidade quieta, porém, é *ser*, contudo igualmente não mais por si, mas como determinação do todo. (HEGEL, 2016, p. 110, *grifo do autor*)

O devir emerge como resultado do movimento de transição exposto na relação ser e nada. *Aufhebung* aparece nessa transição, como força que impulsiona o passar do ser ao nada e vice-versa. Dessa forma, por meio da suprassunção, o devir surge como categoria que contém as diferenças do puro pensamento unificadas. A transição mostra que as desigualdades imediatas entre ser e nada não são existentes de fato, porque se dissolvem no movimento de passagem de uma à outra. Por conseguinte, o puro ser e o puro nada



se mostram como imediatamente opostos e necessariamente idênticos. Da supressão dessa oposição entre diferença e igualdade emerge o devir como categoria que unifica os momentos categoriais anteriores.

O devir surge como primeiro conceito que se desdobrou do pensamento puro. Pensamento é devir, nele temos os momentos do ser e do nada supressumidos. A autodeterminação do pensamento resulta nesse momento lógico que contém o ser e o nada, unidos numa nova categoria, contudo não como mera unidade. Antes, como momento que eleva e sustenta as categorias anteriores, unificando-as tanto em sua igualdade carente de conteúdo quanto em sua diferença imediata. O devir é posto como primeiro conceito mais concreto do pensamento e, por meio dele, todo o processo lógico se desenrola.

A proposição contém as abstrações puras do ser e do nada; a aplicação, porém, faz disso um ser determinado e um nada determinado. Só que não se trata aqui, como já foi dito, do ser determinado. Um ser determinado e finito é um [ser] tal que se relaciona com outro; ele é que está na relação da necessidade com outro conteúdo, com o mundo inteiro. (HEGEL, 2016, p. 89)

124

O conteúdo do devir revela-se como conceito, pois já não é aquele pensamento vazio e indeterminado do ser e do nada, mas sim o resultado supressumido destas categorias. Toda diferença inicial de que o ser é o outro do nada e o nada o outro do ser, foi conciliada no devir. Isso ocorre porque tais diferenças foram desmanchadas no movimento de passagem de uma categoria à outra. A diferença entre ser e nada se mostrou vazia, porquanto se houvesse alguma diferença efetiva, ambas seriam categorias determinadas. Ser e nada não se desmancham em categorias vazias, mas são suspensas e sustentadas numa unidade relacional que expõe que suas diferenças são diferença nenhuma. Ser e nada se autodeterminam, seu conteúdo concreto é essa unidade conciliadora expressa na categoria do devir:

*Visa-se – ou opina-se [Man meint] – que o ser seria, antes o outro pura e simplesmente do nada e não há nada mais claro do que a diferença absoluta deles e não parece haver nada mais fácil do que poder indicá-la. Porém, é igualmente fácil convencer-se de que isto é impossível, de que esta diferença é indizível. Aqueles que querem persistir na diferença entre ser e nada podem se sentir convidados a indicar no que ela consiste. Tivessem ser e nada qualquer determinidade através da qual eles se diferenciariam, então seriam, como foi lembrado, ser determinado e nada determinado, não o ser puro e o nada puro, como eles ainda são aqui. Sua diferença é, com isso, completamente vazia; cada um dos dois é, da mesma maneira, o indeterminado; ela consiste, portanto, não nelas mesmas, mas apenas em um terceiro, no visar. (HEGEL, 2016, pp. 95-96, grifo do autor)*



Tudo que se segue na Lógica surge como desdobramento da dialética ser-nada-devir. Entretanto, o momento inicial não é o ser, tampouco o nada, mas o devir como resultado imanente da suprassunção [*Aufhebung*] das oposições imediatas de ser e nada. O movimento de transição de uma categoria à outra ocorre de modo imanente, pois o devir é condição intrínseca do pensamento. O movimento é próprio da natureza do puro pensamento, ao mesmo tempo em que *aufheben* é a força motora que impele à realização deste movimento que, por sua vez, resulta no devir. Se, como já nos mostrou Hegel, o pensamento é devir e tudo é pensamento, então tudo é devir. Logo, é a partir do devir como categoria fundamental, que se desenvolvem os conceitos essenciais para a sistematização estrutural do mundo sensível. Nem o ser é verdade, nem o nada, mas o fluir necessário inerente ao próprio pensamento o é.

#### 4 *AUFHEBUNG* E DEVIR: SUSPENDER, SUSTENTAR E FLUIR

125 Adentremos agora precisamente ao termo *Aufhebung* e sua relação com o conceito de devir. Anteriormente, demonstramos que a ciência da lógica consiste na exposição sistemática do pensamento autoposto que se desenvolve e autodetermina. Vimos que o movimento de passagem do ser ao nada e do nada ao ser mostrou que ambas são categorias vazias e indeterminadas, e que a verdade do ser e do nada é o devir. Dessa forma, o ser se mostrou como processo de autodeterminação, como devir, e o devir nos apareceu como primeiro conceito mais determinado do pensamento, mas ainda também abstrato. Visto que o ser é devir e que o devir é o primeiro conceito determinado do pensamento, podemos afirmar que dele emergem todas as determinações categóricas da Lógica hegeliana. O devir é a categoria fundamental da Lógica e o movimento de *Aufhebung* engendra tal categoria.

Inicialmente, o ser se mostrou contrário em si mesmo e, por conta disto, foi impelido a realizar o movimento de suprassumir suas próprias diferenças. Essa suprassunção permite que o ser avance em categorias mais sofisticadas, no entanto, sem deixar de ser o que era antes: um vir-a-ser incessante. Diante disso, podemos asseverar que a dialética ser-nada-devir aparece como momento primordial, do qual todo o desdobramento da lógica se desenvolve. É por meio dessa tríade que o pensamento avança em categorias mais sofisticadas.

A transição do ser para o nada e do nada para o ser explicita que ambas as categorias tiveram suas diferenças imediatas suprassumidas na verdade de que não há diferença alguma entre elas, que sua verdade é esta: que são iguais, são as mesmas e por isto se autodeterminam nesta unidade. *Aufhebung*, por sua vez, suspende e sustenta o ser



e o nada na unidade relacional emergida no devir. A sustentação das categorias ser e nada se mostra como condição imanente do próprio devir, o qual aparece como um absoluto suprassumir-se. A suprassunção pode ser compreendida não como mera categoria, mas como condição do próprio pensamento que se mostrou como devir, ou seja, *Aufhebung* como condição imanente ao conceito de devir:

O devir, nascer e perecer, é a inseparabilidade de ser e nada, não a unidade que abstrai do ser e do nada, mas como unidade do *ser* e do *nada*, ela é esta unidade *determinada* ou a unidade na qual tanto o ser quanto o nada *é*. Mas, na medida em que ser e nada são inseparados de seu outro, cada um deles *não é*. Eles são, então, nessa unidade, mas como desaparecentes, apenas como *suprassumidos*. Eles decaem de sua *autossubsistência* inicialmente representadas para *momentos, ainda diferentes*, porém, ao mesmo tempo suprassumidos. (HEGEL, 2016, p. 109, *grifo do autor*)

126 Todavia, devemos levar em consideração que na passagem de um ao outro não é o nada que suprassume o ser, nem o ser que suprassume o nada, mas cada um suprassume a si mesmo. O ser suprassume-se ao passar ao nada e o nada suprassume-se ao passar ao ser. Sobre isso, Hegel (2016, p. 110) escreve: “eles não se suprassumem reciprocamente, um não suprassume exteriormente o outro, mas cada um se suprassume em si mesmo e é nele mesmo o oposto de si”. A oposição posta pelo ser e a suprassunção realizada em seu próprio interior resultam em que o ser é o próprio devir, porquanto “o devir é o desaparecer de ser em nada e de nada em ser e o desaparecer de ser e de nada em geral; mas ele repousa, ao mesmo tempo, sobre a diferença dos mesmos” (HEGEL, 2016, p. 110).

Outrossim, *aufheben* deve ser posta como condição necessária para o desdobramento da dialética ser-nada-devir, da qual todas as outras categorias emergem. *Aufhebung* surge como inerente ao processo de passagem do ser para o nada e do nada para o ser, porquanto o ser só passa ao nada pois suprassume a si mesmo e vice-versa. O que isso quer dizer? Que o ser suprassume sua indeterminação imediata ao passar ao nada. Que o nada faz o mesmo ao passar ao ser, e que ambos estão suprassumidos no devir. Assim, para Hegel (2016, p. 110, *grifo do autor*): “Esse resultado é o ser desaparecido, mas não como *nada*; assim, seria apenas uma recaída em uma das determinações já suprassumidas, não seria resultado do nada e do *ser*”.

O pensamento puro sem nenhuma determinação, num movimento intrínseco de mediação consigo mesmo, suprassume em sua autodeterminação toda a indeterminação – ou determinação imediata – expressa no ser, realizando assim um movimento de passagem ao nada. Da mesma forma, o nada suprassume toda sua indeterminidade, passando ao ser de modo que nem o ser é somente ser, nem o nada é somente nada.



Um é a completude do outro, pois tiveram seus momentos iniciais suprassumidos e agora aparecem na categoria do devir. Sendo assim, podemos afirmar que a suprassunção impulsiona a passagem de uma categoria à outra, elevando-as à autodeterminação na categoria do devir.

Na Doutrina do ser, ser-nada-devir são apresentadas como categorias sistemáticas da Lógica especulativa, sendo por meio destas que o pensamento progride. *Aufhebung* já está presente no momento inicial sendo posto como atividade a partir da qual todas as outras categorias se desenvolvem. *Aufhebung* se mostra como condição para o desdobramento da Lógica, pois impulsiona a passagem de uma categoria à outra, como também concilia as diferenças de cada categoria. Visto que no devir a suprassunção encontra-se como categoria que suspende ou eleva todas as outras, proporcionando a passagem de um estado a outro, é pertinente concordar com Pertille (2011) quando já afirmado que *Aufhebung* é uma determinação fundamental no desenvolvimento da lógica hegeliana, estando presente no processo de constituição de todas as categorias da *Ciência da lógica*. Por conseguinte, é a partir de *Aufhebung* que o pensamento se desdobra, avançando da esfera do puro abstrato à sua efetivação concreta.

127

O pensamento se mostrou como devir; sendo assim, todo o desencadeamento exposto pela Lógica é o desencadeamento do próprio devir. Na Lógica o pensamento puro desdobra-se em si mesmo, desencadeando assim o processo dialético que resultará na conciliação do pensamento com ele mesmo. As categorias de ser e nada se mostram como insustentáveis, resultando no devir. Todas as categorias posteriores se mostram tão insustentáveis quanto as de ser e nada, o que implica na noção de que o ser é processo, movimento. Logo, o devir não deve ser entendido meramente como uma categoria emergida do ser e do nada, mas como condição intrínseca do ser. O ser é devir, na verdade as categorias são desdobramentos do próprio devir. O ser é isso, um absoluto vir-a-ser em que o pensamento vai desencadeando categorias e as suprassumindo progressivamente. Cada tríade se mostra como devir.

Porque tanto o ser quanto o nada são vistos como transição para o outro, como estando no processo de devir. Na medida em que o devir forma a verdade do ser e do nada, torna-se a categoria interpretativa através da qual ser e nada devem ser entendidos. (SCHLITT, 2019, p. 15. 23-26)

Diante de tudo o que foi exposto, podemos concluir que *aufheben* e devir estão imanentemente relacionados, de modo que um é condição do outro. Segundo Krahn, “por meio de uma revisão do movimento do devir, descrevemos a maneira pela qual *Aufhebung* funciona como o operador da Lógica, a estrutura definitiva da atividade” (2014, p.



85. 1-3, tradução nossa)<sup>9</sup>. As categorias somente se movimentam pois o próprio ser é processo. Dessa forma, o devir pode ser posto como atributo inerente ao ser, e a *Aufhebung* como condição intrínseca do próprio devir. Sendo assim, tudo é devir, tudo é passagem, tudo é suprassunção. Devir e suprassumir não existem separadamente, um é condição do outro. Não há devir sem *aufheben* (SCHLITT, 2109, p. 15), sendo esta condição imanente ao próprio devir.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Aufhebung* é responsável pela elevação e sustentação de todas as categorias que se desdobram na Lógica hegeliana, e sua presença é incontestavelmente efetiva em todas as determinações do pensamento, porquanto é função da *Aufhebung* elevar e sustentar numa unidade relacional as categorias anteriores postas como contrárias. Doravante, o pensamento passa da sua verdade mais abstrata ao seu saber mais concreto. Ademais, o próprio conceito de devir emerge a partir da *Aufhebung* e, conseqüentemente, tudo o que se segue como desdobramento do devir é posto pela ação da suprassunção. *Aufhebung* entra em cena unificando as diferenças de cada categoria, de modo que sejam suprassumidas as oposições existentes. A cada contradição apaziguada, uma nova contradição aparece e, mais uma vez, o pensamento tem a necessidade de solucioná-la.

Desse modo, principiando da Doutrina do ser, expomos o pensamento puro a partir da dialética ser, nada e devir. A tríade apresentada surge como momento originário do qual todo o desenvolvimento lógico emana. O ser e o nada suprassumem suas próprias diferenças, engendrando uma nova categoria que contém a unificação de seus momentos contrários, a saber, a categoria do devir enquanto primeiro conceito mais concreto do pensamento.

Destarte, a transição do ser ao nada e do nada ao ser revela-se como movimento intrínseco e necessário da própria condição do pensamento. Por conseguinte, a unificação das duas categorias, por meio da *Aufhebung*, autodetermina a categoria de devir. Esta emerge como resultado do movimento de transição exposto na relação ser e nada; já *Aufhebung* aparece nesta transição como força que impulsiona o passar de um a outro. Logo, podemos observar que, por meio da *Aufhebung*, o devir emerge como categoria que contém as diferenças do puro pensamento conciliadas.

---

<sup>9</sup>“Through a review of the movement to becoming, we described the manner in which *Aufhebung* functions as the logical operator of dialectics, the operant term of the Logic, the definitive structure of activity” (2014, p. 85. 1-3).



O devir se revela como primeiro conceito mais concreto do pensamento, pois já não é aquele pensamento vazio e indeterminado do ser e do nada, mas sim o resultado suprassumido destas categorias. Toda diferença inicial de que o ser é o outro do nada, e o nada o outro do ser, foi conciliada no devir. Ser e nada não se desmancham em categorias vazias, antes são suspensas, sustentadas e elevadas numa unidade relacional que expõe que suas diferenças não são diferença alguma. Logo, ser e nada se autodeterminam, e seu conteúdo concreto é esta unidade conciliadora expressa na categoria do devir. Com efeito, *Aufhebung* e devir estão essencialmente conectados; por isto Hegel localizou sua “Observação” sobre o termo *Aufhebung* logo após tratar do conceito de devir, mostrando sua inerente conexão. O puro pensamento autodesdobra-se porque é devir. E *Aufhebung* pode ser considerada o motor de todo movimento, pois por meio dela o pensamento avança progressivamente, suprassumindo toda oposição confrontada. O devir é o incessante vir-a-ser do pensamento por meio da *Aufhebung*.



## REFERÊNCIAS

- BURBIDGE, J. W. A concepção hegeliana da lógica. In: BEISER, Frederick. C. *Hegel*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.
- BURBIDGE, J. W. *The Logic of Hegel's Logic: An Introduction*. Peterborough: Broadview Press, 2006.
- HEGEL, G.W. F. *Ciência da lógica: 1. A Doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HEGEL, G.W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*: Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 1995. vol.1
- IBER, Christian; G. MIRANDA; L. Marlene; ORSINI, Federico. Nota dos tradutores. In: HEGEL, G.W.F. *Ciência da lógica: 1. A Doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- KRAHN, Ryan. *The Sublation of Dialectics: Hegel and the Logic of Aufhebung*. Guelph, Ontario, Canadá. p. 258, Tese (doutorado), University of Guelph, 2014.
- NICOLAU, Marcos. Método e ato filosófico em Hegel. In: *Revista Dialectus*. Fortaleza, Vol 1, nº2, p. 1-13, janeiro – 2013.
- PAREDES-MARTÍN, María. El devenir como verdad del ser. In: D. Ferrer; F. Orsini; M. Bordignon; A. Bavaresco. *A autobiografia do pensamento: A Ciência da lógica de Hegel*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.
- PERTILLE José Pinheiro. *Aufhebung*, meta-categoria da lógica hegeliana. In: *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, Recife, Vol 8, nº15, p. 58-66, Julho/Dezembro - 2011.
- PERTILLE, José Pinheiro. *Aufhebung*, meta-categoria da lógica hegeliana, para uma plausível apreensão lógica da realidade. In: A. Bavaresco, F. Jozivan Guedes de Lima. *Direito & Justiça: Festschrift em homenagem a Thadeu Weber*. Porto Alegre, 2016: p. 365-380.
- SCHLITT, Dale M. *A lógica hegeliana do puro pensamento (uma reflexão crítica)*. Trad. Arthur Eduardo Grupillo Chagas. Manuscrito, Aracajú, 2019.
- WERLE, Marco. Apresentação. In: HEGEL, G.W.F. *Ciência da lógica: (Excertos)*. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo, 2011.
- VIEWEG, Klaus. Hegel's Adventures in Wonderland – O Começo da Filosofia. In: D. Ferrer; F. Orsini; M. Bordignon; A. Bavaresco; C. Iber. *A autobiografia do pensamento: A Ciência da lógica de Hegel*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.

